

Mosteiro de S. Martinho de Tibães

I

FUNDAÇÃO E REEDIFICAÇÕES DO MOSTEIRO

Encontram-se em os nossos escriptores antigos duas opiniões differentes ácerca da fundação d'este mosteiro.

D. Pedro, conde de Barcellos, filho natural del-rei D. Diniz, tratando, no seu *Nobiliario*, de D. Paio Guterres da Silva, diz que fôra este fidalgo o fundador do mosteiro. D. Paio começou a governar a comarca de Braga, com o titulo de *adiantado*, correndo o anno de 1080, ou pouco antes, por nomeação de D. Affonso VI, rei de Leão e Castella, e avô do nosso primeiro rei D. Affonso Henriques.

O erudito D. Rodrigo da Cunha, que foi arcebispo de Braga, e que o era posteriormente de Lisboa, quando rebentou a gloriosa revolução de 1 de dezembro de 1640, a cujo triumpho se dedicou com tão acrisolado patriotismo, affirma na sua *Historia ecclesiastica de Braga*, baseando-se em documentos antigos que cita, que o dito mosteiro fôra fundado pelo rei suevo Theodomiro, no seculo VI; e que D. Paio Guterres foi simplesmente reedificador.

Fr. Leão de S. Thomaz, chronista da ordem de S. Bento, refere aquelle successo na *Benedictina Lusitana* pelo modo seguinte:

«Ha ũa legoa da cidade de Braga, pera a parte do norte, estiverão antigamente (conforme a tradição e signaes que ha) hũs paços e casas de prazer del-rei Theodomiro entre os logares de *Sobrado e Mire*, visinhos ao rio Cavado, que por aquella parte vae fazẽdo seu curso de nascente a poente, e banhando os muros da villa de Barcellos, entra dahy duas legoas no mar Oceano entre Fão e Espozende. Perto d'estes paços do rei, em logar mais alto e eminente, á vista do mesmo rio, ficava um sitio retirado e solitario, que a S. Martinho Dumiense pareceu muy accommodado pera n'elle se fundar hum mosteiro de monges. E como capellão-mór d'el-rei lhe persuadio, que pois tinha seus paços tão perto, pera recreação dos sentidos, fundasse tãobem hũa caza de Deus naquelle sitio, pera recreação da alma. O rei, como era tão pio, mandou que logo se edificasse, e dedicasse a *S. Martinho Turonense*, de quem era devotissimo. Por onde se este mosteiro, em escripturas antigas, se chama *mosteiro palatino* (como abaixo veremos) por ventura por estar tão visinho dos paços reaes, com mais rezão se podéra chamar *mosteiro real*, pois foi fundado por ũm rei.»

Em seguida trata o chronista de combater a opinião do conde de Barcellos, adduzindo diversas razões, citando varios documentos, e apresentando tambem como prova uma lapida, que estava embebida na parede do claustro da egreja velha do mesmo mosteiro, na qual se via gravada a *Era de* 600, que, sendo a de Cesar, corresponde á de 562 do nascimento de Christo. Da existencia d'esta lapida, e do logar onde estava collocada, tira por conclusão, que n'aquelle anno, em que viviam el-rei Theodomiro e S. Martinho Dumiense, é que se effeituou a fundação do mosteiro.

Não fazendo questão do anno da fundação, nem do nome do fundador, que por muita antiguidade e falta de testimunhos claros e irrecusaveis podem ser contestados, é, todavia, fóra de dúvida que o mosteiro de Tibães já existia e era habitado por monges benedictinos quando succedeu no seculo VIII a desastrosa invasão dos arabes na Hespanha, e logo depois na Lusitania.

Nada se sabe do que occorreu no mosteiro quando os moiros se apresentaram ás suas portas. Porém, julgando pelo que a historia nos diz que praticaram em muitos outros edificios religiosos, devemos ter por certo, que as santas reliquias foram feitas pedaços e queimadas, os vasos sagrados roubados e profanados,

os altares lançados por terra, os edificios do convento destruidos, e os seus pobres moradores espancados, captivos ou assassinados.

Passada a sanha da guerra, e vendo os conquistadores bem firmado o seu dominio, consentiram, mediante certos tributos, que alguns mosteiros fossem reedificados, e que voltassem a viver n'elles vida religiosa, em observancia de seus institutos, aquelles dos seus antigos moradores que existiam foragidos e dispersos. Assim se restauraram na Hespanha e na Lusitania diversos mosteiros, que perseveraram sujeitos a mais ou menos vexames durante toda a dominação dos moiros.

Não consta por memoria alguma authentica que n'aquelle numero entrasse o mosteiro de Tibães. Entretanto, se não ha certeza, algum fundamento se acha em uma escriptura antiga para se suppor que com effeito entrava. Essa escriptura, que pertencia ao archivo de Tibães, era uma carta de doação de certas propriedades feita ao dito mosteiro por *el-rei Miro*. Tinha este nome o rei suevo, que succedeu a el-rei Theodomiro no anno de 569. Porém, posto que n'aquella doação estivessem as letras tão sumidas ou inintelligiveis que o chronista benedictino, quando a consultou, apenas podesse ler que o referido soberano dera ao mosteiro, entre outras propriedades, uma *matta ou devesa de arvores que vieram do Alemtejo, e não perdiam a folha* [1], parece que o nome *Miro* que alli figura é abbreviatura do de *Ramiro*, usada nos documentos do tempo dos tres soberanos assim chamados que reinaram em Leão e nas Asturias. Ramiro III reinou desde 967 até 982.

N'essa epocha já as armas christãs tinham resgatado do poder dos infieis muitas terras d'entre Douro e Minho; mas essas conquistas eram tão ephemeras ou tão constantemente disputadas pelos moiros, que os mosteiros forçosamente haviam de estar sujeitos a continuados sobresaltos e a repetidas devastações, ou se viam obrigados a comprar a paz a peso de oiro, como o tinham feito os primeiros monges que restabeleceram as suas communidades sob o dominio mauritano.

Cremos, por conseguinte, que em um ou outro caso o mosteiro de Tibães não se eximiu de pagar feudo aos sarracenos. E tambem nos inclinâmos a crer que não foi dos que se conservaram mais tempo em ruinas e abandonados depois da invasão dos arabes.

Não ha, portanto, noticia alguma da epocha em que se realisou esta primeira reedificação. Deveria ser feita, no todo ou em grande parte, por algum particular rico, pois achâmos por padroeira do mosteiro, no meiado do seculo XI, uma senhora illustre chamada D. Velasquida. Esta dama fez doação do mosteiro á infanta D. Urraca, filha del-rei D. Fernando Magno, mãe de D. Affonso Henriques.

Queixaram-se d'este acto os monges, e D. Velasquida, mandando responder-lhes por uma carta do seu mordomo, a qual se conservava no archivo acima referido, desculpava-se dizendo que... *como S. Bento fosse de sangue real, razão era que seus filhos, monges de Tibães, de Villar, da Vargea e de Manhete, tivessem padroeiros reaes, pelos quaes sereis melhor defendidos, e tereis mais bens, porque D. Urraca é filha de reis* [2]...

A infanta, talvez para contentar os monges, mandou reconstruir o mosteiro pelos annos de 1060. Foi esta a segunda reconstrucção de que ha memoria. Porém, passado pouco tempo, esta mesma princeza doou a seu turno o dito mosteiro á sé de Tuy, em attenção ao estado de pobreza d'esta cathedral.

Não encontrâmos noticia de como os bispos de Tuy largaram de si este padroado. Mas é certo que o desfructaram por poucos annos, pois que pelos de 1080 era padroeiro d'aquelle mosteiro aquelle fidalgo D. Paio Guterres da Silva, a quem o conde de Barcellos chama fundador, o qual ordenou a terceira reedificação, que foi, provavelmente, completa, e talvez com accrescentamento de edificio, visto que é tido por varios auctores, além do conde D. Pedro, em conta de segunda fundação.

Nos quatro seculos e meio que se seguiram é natural que se fizessem obras importantes n'este mosteiro, sobre tudo se se attender a que os seus edificios não sobresaiam pela magnificencia da fabrica nem pela solidez da construcção. Porém não achâmos commemoradas taes obras.

Pelos annos de 1534 até 1550, reinando D. João III, e sendo abbade commendatario de Tibães fr. Antonio de Sá, fez este um dormitorio novo, diversas officinas, e procedeu a várias reparações e reconstrucções. Contâmos, por conseguinte, esta pela quarta reedificação. A quinta foi levada a effeito na primeira metada do seculo XVII.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

1 Refere-se, sem dúvida, aos sobreiros.

2 A carta é em latim: ... *quod Regii sanguinis Benedicti Filiis de Tibães, de Villar, da Vargea, de Manhete, fas erat patronos regios habere, pro quibus eritis, melius defensi, et habebitis magis bona, quia Domina Urraca Filia Regis est...*

D. FRANCISCO DE ALMEIDA

(Vid. pag. 113)

II

Quem era então D. Francisco de Almeida, para que el-rei lhe confiasse posto tão importante com poderes tão latos como elle lhe dava, arbitrando-lhe trinta mil cruzados annuaes, e mil e quinhentos quintaes de pimenta, e duzentos quintaes de cobre, e vinte mil cruzados para gastos de mesa e de mercês que entendesse dever outorgar, e um quinto em cada preza que fizesse, honorarios estes de que D. Francisco de Almeida só quiz receber o ordenado annual, mostrando logo n'isso o desprendimento de riquezas, que foi uma das feições proeminentes da sua nobre physionomia [1]?

D. Francisco de Almeida pertencia, como já disse, á alta nobreza do reino, sendo filho do primeiro conde de Abrantes e irmão do segundo, tendo além d'este outros irmãos, que todos occuparam elevadas posições, um prior do Crato, outro commendador de Aviz, outro bispo de Ceuta e embaixador em França, outro bispo de Coimbra; e sua irmã, D. Isabel, condessa de Penella. Mas não era só aos seus pergaminhos que D. Francisco de Almeida devia a muito notavel privança que D. João II lhe concedeu, e a honrosa escolha que d'elle fez D. Manuel para posto de tanta importancia e responsabilidade. Antes que fosse representar o primeiro papel no vastissimo theatro das Indias Orientaes, já mostrára na Europa os muitos recursos do seu genio e as prendas guerreiras que o adornavam.

A primeira vez que o nome de D. Francisco de Almeida apparece na historia portugueza é na occasião da partida de D. Affonso V para França. É sabido que o *Africano*, rei cavalleiroso, protector das letras, erudito e valente, mas pessimo politico, rei que podêmos comparar afoitamente com ess'outro monarcha, o vencedor de Marignan e o vencido de Pavia, o amante da duqueza d'Étampes e o amigo de Leonardo de Vinci, Francisco I, em fim, intentou fazer valer sobre a Castella os direitos de sua sobrinha e noiva D. Joanna. Tinha por competidor n'essa pendencia o rei de Aragão, Fernando, casado com a rainha D. Isabel, a quem a maioria dos castelhanos reconhecia como sua legitima senhora. Tratava-se na lucta, que ia travar-se, de levar a cabo a unidade da Hespanha. O ponto da questão era qual havia de ser o núcleo, se Aragão, se Portugal. Felizes seriamos se essa tão anciada união se tivesse realisado! Não se teriam accendido, com rivalidades primeiro, e com rancores de resentimento de-

1 Gaspar Corrêa, *Lendas da India*, tomo I, parte II.

pois, os odios entre Portugal e Castella, e a Iberia não seria então, como hoje é, uma utopia; seria um facto consummado, que teria operado uma transformação completa nos destinos da Europa. Mas não nos percamos em devaneios; a verdade é que tal facto se não realisou, e a batalha de Toro, decidindo a lucta em favor de Fernando e Isabel, proscreveu Portugal da communidade dos povos hispanicos, proscripção de que se consolou com a ampla messe de gloria que ceifou nos campos maritimos arados pelas suas esquadras, e nas terras da India submettidas pelo valor de seus filhos. Affonso v, comtudo, que por tanto tempo acariciára este sonho, não se podia costumar a vêl-o desfazer-se em fumo como essas fórmas phantasiadas que nos povôam as visões nocturnas, e que de manhã se esvaecem entre os clarões da alvorada. Aferrado á esperança que alimentava, determinou ir em pessoa a França pedir soccorro ao monarcha d'esse paiz, que estava então levando a cabo o mesmo que na Hespanha se fazia, isto é, unificando a França, e ligando em collar, em volta do seu throno, essas provincias que se haviam dispersado quando a mão dos barbaros desfiou, perola a perola, a grinalda das Gallias com que a espada de Cesar cingíra a fronte da republica romana.

Era Luiz xi o monarcha reinante. Espirito essencialmente contrario ao de Affonso v, e mais apto para comprehender e avaliar D. João ii, que em todo o sentido seria adversario digno d'elle, o rei de França, que burlára Carlos o Temerario victorioso, ainda com mais facilidade burlou Affonso o Africano vencido. Fez-lhe muitas honrarias, tratou-o com muitas pompas, mas nunca lhe favoreceu os planos, nem concedeu o mais pequeno recurso para os executar. Andou largo tempo Affonso v na corte de Luiz xi malbaratando a sua dignidade régia no officio de pretendente repellido, e dando azo a que Filippe de Commines, secretario del-rei de França, e quasi tão fino como seu amo, se risse um pouco da boa fé d'esse pobre homem nas curiosas *Memorias* que nos deixou sobre esse curiosissimo reinado [1].

D. Francisco de Almeida, que na batalha de Toro dera provas da valentia que o caracterisava, foi o encarregado de partir da Collioure [2], onde desembarcára, e ir a Paris noticiar a el-rei a chegada do monarcha portuguez. Para que D. Affonso v encarregasse de tão espinhosa missão cavalleiro moço ainda, era necessario que este houvesse grande fama de astuto e energico, e esmerado em cortezia. Em França aprimorou D. Francisco a sua urbanidade natural e desenvolveu a sua instrucção; porque D. Affonso v, que era curioso de letras, folgava em visitar os mosteiros, e inquirir de manuscriptos preciosos, que muitas vezes comprava e lia [3]. Tempo bastante lhe deu para estes estudos e entretenimentos Luiz xi de França, porque o teve em continuo engano, e nunca lhe disse claramente «não», nem lhe traduziu em obras o «sim» com que muitas vezes lhe ia embalando o espirito, e alimentando as doiradas esperanças que, ao fallecerem-lhe de todo, o deixaram por tal fórma desalentado e oppresso, que entendeu dever abdicar, mandando dizer a seu filho, o principe D. João, que se proclamasse rei, e preparando-se muito em segredo para ir como romeiro á Terra Santa. Isto adivinharam as pessoas da sua comitiva, que lhe foram em seguimento, e o encontraram n'um porto da Normandia, proximo de Honfleur.

Travou-se então porfiada lucta entre o desventurado rei e os seus fidalgos, elles insistindo por que voltasse para Portugal, elle teimando em partir para Jerusalem. A resolução do inconstante monarcha não era, comtudo, por tal modo firme, que resistisse aos rogos, que tanto condiziam com a sua vontade secreta, o que bem se demonstrava na escolha do sitio em que tencionára embarcar para a Terra Santa, porque, tendo á mão os portos da Provença, se foi a procurar um porto da Normandia, d'onde só chegaria ao sitio da sua peregrinação dando um rodeio immenso, e passando por defronte das costas de Portugal. O bom do conquistador de Arzilla estava no firme proposito de se recolher a uma Thebaida, mas deixava todas as portas abertas ás tentações.

Foi no anno de 1477 que D. Affonso v partiu para Portugal, e veiu reclamar de seu filho, o principe D. João, o reino que n'elle abdicára. Conhecem os leitores a celebre anecdota que a tradição narra ácerca do modo como o principe D. João, que fôra havia pouco proclamado rei, recebeu tão inesperada noticia. Passeiava á beira do Tejo com o duque de Bragança, D. Fernando, e o bispo D. Jorge da Costa, que foi depois cardeal. Chegam as novas de Affonso v. Carrega D. João ii o semblante, e, voltando-se para os seus dois companheiros, pergunta-lhes: «Que hei de fazer?» — «Receber el-rei como seu pae e senhor», acode immediatamente o duque de Bragança com menos hesitação do que seria conveniente que mostrasse. O bispo deu mostras de que approvava o conselho. Nada respondeu D. João, mas, pegando n'um seixo da praia e arrojando-o com força para o rio, fel-o ir resaltando de onda em onda, correndo de raspão á flor das aguas. «Adeus, sr. duque, disse em voz baixa o futuro cardeal, vou-me pôr fóra do alcance d'aquella pedra.» E com effeito, logo partiu para Roma, onde viveu até á edade de cento e dois annos, ouvindo de longe o echo das tempestades que tinham brotado d'aquelle franzir de sobr'olho do Jupiter portuguez, franzir de sobr'olho que elle julgára de pessimo agoiro.

Não sabemos se a pedra que ia saltando ao lume d'agua foi a que bateu, annos depois, na cabeça do duque de Bragança; mas sabemos que o fidalgo secular não teve a longevidade que o astuto ecclesiastico saboreou. O cepo e o cutelo de Evora encarregaram-se de o poupar ao fastio de uma longa existencia.

Apesar do pouco agrado com que D. João recebeu a noticia, que lhe restituia um pae, mas que lhe tirava um throno, não mostrou externamente a minima hesitação, e foi entregar nas mãos d'esse D. Quixote, de que a natureza o fizera filho, a coroa e o sceptro, que tão bem iam á larga fronte e á mão robusta do *principe perfeito*.

Se é verdadeira a anecdota, D. João no intimo d'alma sentiu uma certa irritação, causada talvez mais pela inconstancia de caracter de que seu pae estava dando provas, e pelos estorvos que ia pôr á sua futura administração a regencia impolitica e imprudente de Affonso v, do que por ver fugir-lhe das mãos o poder que ambicionava porque d'elle se sentia digno. E n'isto vence o nosso rei D. João ii o rei Luiz xi de França, com quem muitas vezes o compararam, comparação justa no que diz respeito á politica, porque n'elles foi egual a habilidade e egual o intuito, que não era senão o fortalecimento do poder da coroa e o abatimento dos vassallos. Ambos tiveram por successores n'esse grande commettimento, em França Richelieu, em Portugal Sebastião de Carvalho. Mas em quanto á magnanimidade, nobreza de caracter, magnificencia e outras qualidades dignas de um rei, nem é possivel a comparação. E n'este lance bem o demonstrou João ii entregando o sceptro a D. Affonso, a quem se reconhecia superior, em quanto Luiz xi se revoltava contra seu pae, Carlos vii, e projectava até assassinal-o.

1 *Ce povre roy de Portugal, qui etoit tres bon et juste...* — *Mémoires de Filippe de Commines*, tomo ii, pag. 57, edição de 1843, feita por ordem da sociedade de historia de França, e revista por m.elle Dupont.

2 *Colibre*, diz Faria e Sousa; mas suppomos que deve ser esta cidade do Roussillon, cidade cujo nome latino, *Caucoliberis*, se aproxima do que vem na *Europa Portugueza*.

3 Ferdinand Denis, *Le Portugal*, na collecção do *Univers Pittoresque*, accrescentando: *Les historiens français contemporains font foi de ces goûts studieux et nous parlent d'un Lancelot magnifique, qui lui fut montré dans l'abbaye de Bourges.*

Mas, por maior que fosse a magnanimidade de D. João II, não podia ser tamanha que o grande principe não guardasse no íntimo do peito algum resentimento, se não contra seu pae (não lh'o consentia o amor filial, de que deu incontestaveis provas), pelo menos contra os que suspeitava de terem aconselhado a D. Affonso esse acto, que adiava para tempos incertos a realisação das grandes coisas que projectava. Por isso não podêmos deixar de suppor que D. Francisco de Almeida, um dos principaes conselheiros de D. Affonso V, não entrou logo na privança do principe; mas era tal o seu merito, que o resentimento do homem cedeu no coração de D. João II o passo ao dever de rei, que poucos o sabiam cumprir como elle, e poucos tambem tinham mais fino tacto para descobrir e apreciar os predicados que distinguiam os seus cortezãos.

É certo que d'ahi a pouco apparece-nos D. Francisco de Almeida comendo á mesa del-rei, honra que elle não prodigalisava, e tratado por sua alteza com toda a distincção. Sería depois que o vencedor de Mir-Hussein voltou coberto de gloria do cêrco de Granada? É muito provavel, porque deu alli provas de grande valor e de grande pericia militar.

O cêrco de Granada, e em geral toda a guerra que expulsou do solo hespanhol os ultimos arabes, marca uma epocha notavel não só na historia de Hespanha, mas tambem na historia da arte militar. Foi a primeira vez que tantos recursos se empregaram, e que houve tanta perseverança e tanta unidade nos esforços de um exercito [1]. Entre a guerra de Granada, dirigida por generaes como Gonçalo Fernandez de Cordova, o marquez de Cadix, e capitaneada pelos proprios reis catholicos, e as correrias em que os bandos feudaes andavam travados com os moiros granadinos, ha um mundo de intervallo. Foi esta guerra a grande eschola onde se principiaram a formar esses formidaveis regimentos de infanteria hespanhola, que foram o terror da Italia e da França, esses terriveis terços representantes da disciplina moderna, que em Garigliano, em Pavia e em S. Quintino ensinaram ás hostes valentes de Bayard, de Francisco I e do condestavel de Montmorency que ia principiar uma nova era para a arte militar, e que as façanhas dos cavalleiros e paladinos só tinham de reviver, entre as gargalhadas da Europa, nas paginas immortaes do *D. Quixote*.

Esta guerra, que tanto agradava á indole religiosa d'esses tempos, attrahiu cavalleiros de todas as partes da Europa. E não era só a devoção que os chamava, mas tambem a fama da magnificencia com que nos arrayaes christãos se passavam os ocios dos combates, e o attractivo d'essa corte, que se transportára com a sua rainha e as suas formosas donas e infantas para o theatro da guerra, transformando o campo da batalha em campo de torneio. Effectivamente, D. Isabel, a catholica rainha, toda empenhada no triumpho completo das armas christãs, percorria muitas vezes as fileiras hespanholas, montada n'um cavallo de batalha e vestida de guerreira, seguida por suas filhas e suas damas, offerecendo, diz Prescott, *no bad personification of the genius of chivalry*. Tudo isto inflammava a imaginação dos moços fidalgos de todas as terras, que se apressavam em correr aos opulentos campos da Andaluzia, para florearem lanças diante dos olhos de tão formosas amazonas. E então é que era não só um praticar façanhas inauditas, mas tambem um apresentar grande magnificencia e apparato nas suas tendas e nos seus equipamentos, attractivos que não podiam deixar de reunir em torno da bandeira de Aragão e Castella a flor da cavallaria de toda a christandade.

E assim, effectivamente, succedeu, porque não só alli correram fidalgos francezes, portuguezes e italianos, mas até um inglez, lord Scales, conde de Rivers, aventuroso e denodado cavalleiro que veiu pleitear valentias com os seus irmãos continentaes. Tambem appareceu um corpo de mercenarios suissos, primeiros talvez que fossem empregados na Europa, porque havia pouco tempo que a infanteria montanheza principiára a adquirir reputação pelas derrotas que infligira aos brilhantes cavalleiros de Carlos o Temerario.

Em tão boa eschola e em tão boa companhia andou, pois, o nosso D. Francisco de Almeida, ganhando fama e instrucção militar. Alli travou íntimas relações com Gonçalo Fernandez de Cordova, o futuro vencedor de Bayard, o grão-capitão com quem muitas vezes compararam o vice-rei da India, e cujos ditos e feitos elle gostava de citar, quando, sentado debaixo da ramada da fortaleza de Cochim, se entretinha a palestrar com os seus capitães sobre as coisas da Europa. Alli assistiu á construcção das grandes estradas abertas na rocha viva para o transporte dos canhões; alli viu a grande utilidade que se tirava do emprego da artilheria para arrasar fortalezas, emprego que na Europa se fazia pela primeira vez em tão larga escala [1]; e tudo isso na India, porque foi elle tambem o primeiro que aproveitou a grande superioridade que as bocas de fogo lhe davam sobre os seus inimigos, menos habeis n'aquella manobra: alli, finalmente, aprendeu a grande guerra, e contrahiu esses habitos de magnificencia que tamanho effeito produziram nos orientaes, tão faceis de se deixar deslumbrar pelo apparato.

Voltando a Portugal, foi acolhido com grande affabilidade por D. João II, e comprehendido por elle na pleiade de homens notaveis de que se rodeava, e que reservava para as grandes coisas que tinha o presentimento que o seu paiz havia de executar.

Como o laborioso negociante, que junta, mealha a mealha, nos seus cofres as immensas riquezas, que são a verdadeira lampada de Aladino, e que as deixa depois ao seu herdeiro, que não tem mais trabalho do que metter a mão n'esses depositos para ver brotarem-lhe em torno as maravilhas, assim D. João II reunia e dispunha em torno de si os materiaes e os homens, de que D. Manuel só teve de lançar mão para construir o deslumbrante edificio da grandeza de Portugal.

Os materiaes foram os navios e o dinheiro que serviram para a conquista da India; os homens chamavam-se D. Francisco de Almeida, Vasco da Gama, Affonso de Albuquerque, todos privados de D. João II, todos reservados por elle para altos destinos. D. Manuel só teve o trabalho de os chamar por sua ordem, e... de lhes ser ingrato.

(Continúa) M. Pinheiro Chagas.

1 Veja-se a *Historia do reinado de Fernando e Isabel*, por W. Prescott, uma das primorosas obras historicas de que o nosso seculo se ufana.

1 Veja-se a obra já citada de Prescott, tom. I, cap. XI.

HOSPITAL DA LOUZÃ

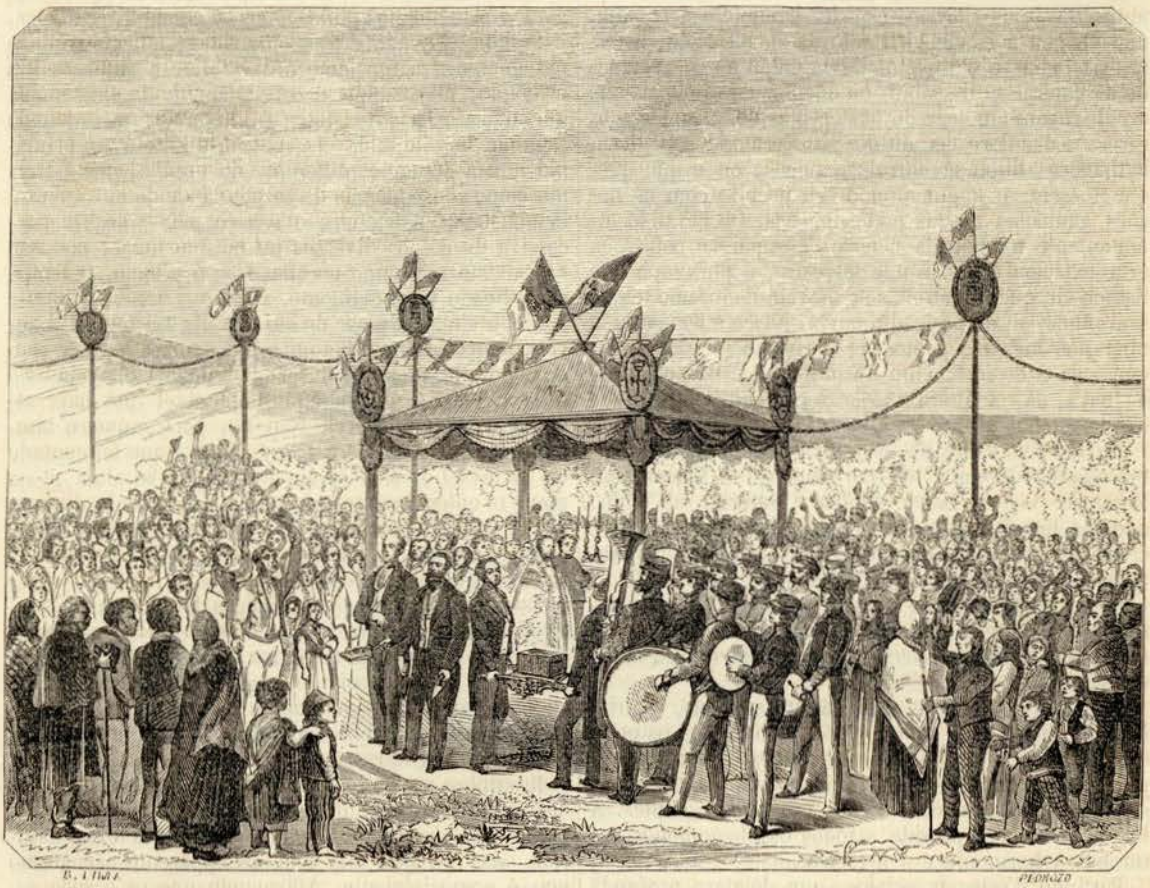
Vamos commemorar hoje um facto digno de ser registado n'estas paginas, não só pela sua propria importancia, mas tambem pelos beneficos resultados que d'elle hão de provir. É a ceremonia da collocação da pedra fundamental do hospital da Louzã. Escolhêra-se para esta festa o dia de S. João, por ser o de um santo mui popular no reino, occasião de feira annual na villa, e anniversario natalicio do cavalheiro que tomára a iniciativa na fundação do hospital, o sr. João Elizario de Carvalho Montenegro.

Tendo sido escolhido para a edificação do mencionado estabelecimento pio o campo denominado *Olival da Serra*, proximo do theatro, a commissão que dirigíra os trabalhos preparatorios mandára ornar o campo com grinaldas de murta, entre mastros embandeirados e coroados com os escudos das armas portu-

guezas, desde a fundação da monarchia. No centro levantava-se um lindo pavilhão, vistosamente guarnecido de florões de murta e sanefas de damasco, vendo-se-lhe no remate da cúpula, encruzadas, as bandeiras portugueza e brasileira, como symbolo da fraternidade dos dois povos, e já como testimunho de gratidão pelo auxilio prestado por brasileiros e portuguezes residentes no Brasil, quando alli se abriu a subscripção para as obras do hospital.

O campo, na occasião da ceremonia, offerecia um agradavel e commovente aspecto. Mais de tres mil populares o occupavam, no plaino, nas alturas, e até em graciosos grupos entre os ramos das oliveiras. Nos rostos abertos e francos d'aquelles bons camponezes lia-se o mais sincero jubilo. Comprehendiam quão generosa fôra a idéa da fundação de um hospital na villa, e que muitos d'elles, a quem a desgraça podesse ferir, encontrariam alli, na falta de meios, o auxilio gratuito da sciencia, e na falta do carinho da familia, o affecto dos membros da commissão directora do hospital, que viam animados da melhor vontade, e com o desejo profundissimo de deixar os seus nomes alliados a obra tão util e philanthropica.

A commissão encarregada de dirigir as obras do hospital compõe-se dos srs. dr. Francisco de Magalhães Mascarenhas, presidente; dr. Miguel Furtado de Arantes Neto, secretario; João Gonçalves Lemos, thesoureiro; Pedro Soares Pinto Mascarenhas Castello-



Collocação da pedra fundamental do hospital da Louzã

Branco, Francisco de Magalhães Mexia de Macedo Pimentel Bulhões, Adelino Correia da Costa, e dr. José Daniel de Carvalho Montenegro. Em todos é inexcedivel o zêlo e a dedicação.

Antes da collocação da pedra fundamental, o reverendo prior da egreja matriz lançou a benção ao cofre que encerrava as moedas do reinado del-rei D. Luiz I, a cópia da acta da ceremonia, devidamente assignada, e, como homenagem á imprensa — luz que esclarece os entendimentos — diversos numeros de gazetas que annunciavam esta solemnidade.

Representa a nossa gravura, desenhada na occasião pelo sr. Barbosa Lima, o acto em que o sr. Montenegro, tomando das mãos do presidente da camara municipal e da commissão a trolha e a colhér, que lhe são offerecidas, se encaminha, conjunctamente com os outros membros da commissão, auctoridades e ecclesiasticos, para o alicerce onde tem de ser collocada a pedra e onde se lançam as primeiras colhéres da argamassa. As duas philarmonicas da villa executaram então os hymnos nacionaes, e o povo soltava enthusiasticos vivas ao benemerito fundador do hospital. Era encantador este quadro!

Finda a ceremonia celebrou-se um solemne *Te Deum* na egreja matriz.

As obras do hospital começarão em breve. O risco é do sr. João Pedro Fernandes Thomaz Pippa, cavalheiro tão modesto quão estudioso, que vive ha annos na Louzã, onde goza de geraes sympathias. Quando publicarmos o desenho do edificio como deve ficar, daremos alguns pormenores ácerca da creação d'este instituto.

O nosso principal intuito agora foi dar publicidade a este acto nas paginas do *Archivo*, porque assim como dizem que a idéa da fundação de escholas populares, lavrada no notavel testamento do fallecido conde de Ferreira, se deveu á inserção de uns curiosos artigos relativos á instrucção popular [1], do mesmo modo póde ser que o que deixâmos registado sirva de estimulo para que outros benemeritos portuguezes, de animo generoso e nobre como o sr. Montenegro, se lembrem nas suas localidades de proteger a velhice

[1] Vid. pag. 164, 207 e 208 do vol. VII.

e amparar a pobreza, já creando asylos, já fundando albergues ou hospitaes.

N'estas paginas não faltará nunca logar para commemorar actos tão meritorios.

E como haviam deixar de commemorar-se aqui as acções nobilissimas que o amor da patria suggere, e que os laços da familia, os mais santos e perduraveis laços, incitam e fortalecem? B. A.

OS GENIOS DA ASTRONOMIA MODERNA

KEPLER

(Vid. pag. 111)

Pythagoras foi a um tempo philosopho e observador. Nado e criado em Samos, coisa de 550 annos antes de Jesus Christo, espirito irrequieto e erradio, mal chegou á edade viril saíu da cidade natal, e correu as Indias e o Egypto. Havia então n'essas regiões umas confrarias de sabios ou adeptos da sciencia, que a cultivavam em segredo nas cryptas dos templos, nos recessos das florestas, ou nos sitos ermos e selvaticos. Pythagoras filiou-se entre os magos, ou o que quer que fossem, e augmentou o seu peculio com as noções ganhadas n'estas peregrinações. Observando attentamente a abobada celeste, que parece poisar na orla extrema do horisonte terrestre, o philosopho de Samos viu que as estrellas se movem ao mesmo tempo sem mudarem de posição relativa. Nasce e põe-se cada uma nos mesmos pontos do horisonte, e, por maior que seja o deslocamento do observador na superficie da terra, não se altera o aspecto e grandeza apparente das constellações.

Havia, pelo contrario, sete planetas cujos movimentos não obedecem a leis tão singelas. O Sol, a Lua, Mercurio, Venus, Marte, Jupiter e Saturno, ao tempo que são levados pelo movimento diurno das estrellas, descrevem cada dia circulos variaveis, e as suas mudanças ferem a vista do observador menos attento.

Como explicar estas anomalias? Qual a causa geral que produz movimentos tão vários e apparentemente tão diversos? Recorramos á doutrina do sabio de Samos.

Assentou Pythagoras que ha um só Deus, espirito infinito, creador do mundo. São os numeros os principios de todos os nossos conhecimentos, porque representam as fórmas e as substancias. Tudo se póde exprimir por meio de relações numericas simples. A lei da harmonia preside a todos os phenomenos naturaes. A harmonia é a symetria.

Partindo d'estes principios, que delatam profunda sagacidade e grandissimo poder de observação, Pythagoras affirmou ás escondidas, nos penetraes da sua eschola, que era o sol o centro do mundo, em torno do qual giravam os planetas e a terra, arrastados por uma força sympathica, cuja natureza era ignota. Girava a terra sobre si mesma, produzindo o movimento diurno apparente. Formavam os corpos um todo harmonico, uma orchestra divina, uma musica archangelica, uma melodia suavissima que embalava as almas dos justos nas ondas do ether. Os sete planetas eram as sete cordas de uma lyra celeste, que Deus tangia assentado no seu solio esplendido. As massas, os volumes e distancias d'estes planetas tinham relações simples e harmonicas, e as suas fórmas obedeciam ás leis da symetria. Todos os corpos se baloiçavam em perpetua melodia, e as transformações seguiam leis fataes e descreviam cyclos tambem harmonicos.

A theogonia pythagorica era a metempsycose na sua accepção mais poetica e grandiosa. Ensinava o sabio de Samos que a virtude tinha um premio, assim como o vicio um castigo. Os que esqueciam os preceitos do bem e os dictames da consciencia, e praticavam a pravidade, castigava-os Deus (Theos) obrigando as almas a descreverem cyclos inferiores; aquelles, porém, que em vida foram justos e bons, e expungiram o vicio e ruins paixões, recebiam premio, porque as suas almas iam ascendendo aos planetas, sulcando as regiões sidereas e cada vez mais subidas, até se abrigarem nos seios de Deus, de cujos olhos resplendentes manavam delicias ineffaveis, gozos perennes, amantissimos confortos. E em quanto as espheras entoavam as suas choréas, baixava Deus os olhos para os mundos.

Tal era a doutrina de Pythagoras, sabio e poeta ao mesmo tempo: genio, porque tinha a intuição genesiaca; talento, porque manuseava o instrumento da observação e sabía concluir com rigor. Pythagoras adivinhou e descobriu a verdade no meio do cháos.

Duzentos annos depois, dia por dia, nascia em Stagyra o principe dos philosophos, o celebre Aristoteles.

Prégou elle admiraveis doutrinas; affirmou que o movimento era um facto universal, e a natureza um principio; que a alma é o fundamento da existencia; que o acaso não existe, e o universo está ordenado segundo leis immudaveis; que o infinito é um principio nunca actuante, differente do mundo, que é eterno, como consequencia da perpetuidade do movimento. Demonstrava Aristoteles o espaço pela presença successiva de corpos diversos no mesmo logar; por isso não existe o vacuo, porque o ar é pesado. O tempo anda ligado ao movimento.

«Se a alma deixasse de existir, diz Aristoteles, houvera tempo ou não? Eis uma questão que se póde propor, porque, quando o ser que deve contar já não póde existir, é egualmente impossivel que haja alguma coisa numeravel. Não ha, pois, numero tambem, porque o numero não é senão o que foi contado ou póde sel-o. Mas se no mundo ha só alma, e na alma o entendimento que tenha a faculdade de contar, é logo impossivel que haja tempo se não existe alma; portanto, o tempo não é já, n'esta hypothese, senão o que é simplesmente em si [1].»

Estes eram os principaes topicos da philosophia aristotelica, na qual era dogma incontroverso a solidez dos ceos, a uniformidade dos movimentos, a fixidez da terra. Platão, o divino, seguiu egual philosophia, se bem que affirmasse que as orbitas planetarias foram na origem rectilineas, e se tornaram circulares em virtude da attracção.

Resumbra na philosophia de Aristoteles o primeiro desvio do bom caminho. Abriu elle o campo das hypotheses e systemas; negou a simplicidade da natureza, não no que ella tem de apparente, senão no que é essencialmente. Affirmando que os corpos celestes descreviam orbitas circulares em volta da terra, com movimentos uniformes ou com velocidades constantes, Aristoteles rendeu preito a uma simplicidade imaginaria que tornava muito mais complicados os phenomenos. O stagyrita matou a philosophia; asphyxiou-a na atmosphera do raciocinio guindado, conceituoso, artistico, todo fórma e apparencia, todo symetria fallaz e argucias enganosas sem fundamento, sem logica, dando origem a infinitas réplicas, a discussões de palavras, a phrases enredadas e insidiosas, a essa gymnastica intellectual, que depois, na edade média, foi reputada como o ultimo estadio do saber humano, como o acumen da gloria scientifica.

Por isso, desde Aristoteles até Bacon, não houve philosophia, e a sciencia foi quasi um desvario. Com Aristoteles podiam crear-se bons observadores e coordenadores, mas não se creavam philosophos que descobrissem as leis naturaes e os grandes principios que regem a natureza. Com Aristoteles podia crear-se um Aristarco, um Pytheas, um Eratosthenes, um Hipparco, excellentes observadores que descobriram factos importantissimos, que assignalaram o seu nome nos fas-

1 Vid. *Physique d'Aristote*, trad. franc. de Barthélemy Saint-Hilaire.

tos gloriosos da astronomia; mas, em compensação, tambem com o philosopho de Stagyra se creou um Ptolomeu que, com ser optimo observador e ter folego para muito, porque seguiu o dictame do mestre, alevantou um edificio complicado, absurdo, anti-scientifico.

Repita-se pois. Aristoteles foi grande e admiravel, mas desvirtuou a philosophia e abriu a era da decadencia. Querendo afugentar as trevas, carregou-as. Á feição dos tyrannos de Tacito, fez a solidão e chamou-lhe paz. Era a paz do tumulo, aonde jazia a philosophia até que Bacon lhe deu vida nova.

Aristoteles, obedecendo ao ruim sestro de substituir á connexão natural dos phenomenos uma ligação artificial e não menos artificiaes systemas, imaginou que as estrellas eram fixas em uma esphera solida, a qual, envolvendo a terra, gira em vinte e quatro horas em torno de um eixo dirigido de polo a polo. Como os planetas descrevem uma espiral complicada, cujas espiras se podem comparar aos circulos descriptos pelas estrellas, com a differença de serem variaveis, affirmou Aristoteles que cada planeta é fixo a uma esphera transparente que gira como a esphera do universo, e com elle, mas em sentido contrario.

Tinham, pois, os planetas dois movimentos: um commum com as estrellas, outro variavel de planeta para planeta.

A hypothese, porém, das espheras concentricas e cristallinas não explicava com sufficiente exactidão os movimentos celestes, mórmente em relação á lua, cuja proximidade da terra não permitte fazer certos desprezos, ou em relação ao sol, cuja grande massa influe poderosamente. E á proporção que os trabalhos dos observadores iam caminhando, encontravam-se anomalias nos movimentos planetarios, que augmentavam as difficuldades e os parceis. Era, pois, necessario augmentar o numero de espheras para explicar todas as perturbações dos movimentos.

Eudoxio, discipulo de Aristoteles, deu a cada planeta quatro espheras embocetadas umas nas outras, dotadas de movimentos oscillatorios.

Aristoteles, no fim da sua carreira, foi mais prodigo, e, por vencer de vez as difficuldades que o salteavam, deu trinta e seis espheras a cada planeta. Depois, no seculo XV, chegou o numero de espheras a setenta e nove, quando Fracastor quiz reconstruir o systema dos venerandos Aristoteles e Platão.

Iam-se emtanto rebellando alguns espiritos sadios contra estas complicações, e Apollonio abraçou-se, com ancia de naufrago, á idéa salvadora dos epicyclos e deferentes. Continuava o movimento a ser uniforme, mas a velocidade parecia variavel em virtude da influencia que a mudança de distancia tinha na grandeza apparente do caminho andado.

Ptolomeu ensinava que os planetas descreviam circulos, cujos centros estavam fóra da terra (d'ahi o nome de *excentricos*); e porque anomalias havia que careciam de maiores individuações, imaginou ainda que o planeta era mobil em um circulo, cujo centro era ao mesmo tempo levado com movimento uniforme sobre outro circulo chamado deferente.

Hipparco já havia, trezentos annos antes de Ptolomeu escrever o seu *Almagesto*, seguido identica theoria. Assim proseguiu a astronomia, sem dar um passo, durante toda a edade média, até ao seculo XV.

Ptolomeu, da eschola de Alexandria, sectario de Aristoteles, era um semi-deus que ninguem ousava atacar. Ergueram-lhe os seculos um templo, e os sagrados escriptores defendiam o philosopho.

É necessario accrescentar que o espirito investigador havia esmorecido completamente. Roma só deu Seneca, e quando o imperio baqueou já a astronomia não caminhava.

Os sabios da corte dos Paleologos apenas se limitavam a ensinar a doutrina do *Almagesto;* na Europa lavrava a guerra e erguiam-se as disputas religiosas, em que se compraziam os maiores engenhos.

Só os califas ateavam o fogo sagrado nas Hespanhas. Tolerantes, politicos esclarecidos, nuncios de novas idéas, os Abassides renderam preito assim a Aristoteles e Platão, como a Hippocrates e Galeno.

Não passaram além os seus esforços. Attrahia-os mais a chimica, e a astronomia apenas deveu aos califas o não ficar completamente esquecida.

No seculo XIII floresceu Affonso X, rei de Leão e Castella, que construiu, de accordo com os sabios do seu tempo, judeus, arabes e christãos, as suas taboas, em que calculou o anno com o erro de 28''. Affonso seguiu as theorias do *Almagesto;* antevendo, porém, a soberana simplicidade das revoluções celestes, consta que disse um dia, segundo Arago: «Se eu fosse chamado ao conselho de Deus quando creou o universo, as coisas haviam de sair mais perfeitas.

Succedeu a Affonso Regiomontano (João Muller) e Purbach, astronomos de merito, que calcularam ephemerides pela primeira vez, e determinaram uma orbita cometaria. Seguiam, porém, a doutrina do *Almagesto*, e a astronomia continuava estacionaria.

(Continúa) A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

A MUSICA

(Vid. pag. 102)

V

A musica no seculo XVIII — Eschola Napolitana — Scarlatti — A opera buffa — Pergolese — Oratorios — Haendel — A musica dramatica em Allemanha — Musica instrumental — Mosart — Haydn — Beethoven — A musica em Portugal — Alguns compositores portuguezes dos seculos XVIII e XIX. — Marcos Antonio Portugal — Transformação por que tem passado a opera lyrica — Rossini, Donizetti, Bellini, Verdi, Mayerbeer, Gounod, Auber, etc.

Depois da grande actividade que reinou em Italia durante o seculo XVI, a arte musical poucos progressos experimentou durante um longo espaço de tempo; mesmo quasi até ao fim do seculo XVII as escholas de Napoles e Bolonha poucos compositores notaveis produziram; Roma continuava a conservar com veneração as tradições de Palestrina, em quanto que na poetica e cortezã Veneza se ensaiavam todas as innovações.

No principio do seculo XVIII a musica dramatica recebeu novos impulsos do celebre Scarlatti, fundador da eschola napolitana, a primeira n'esta epocha, e que produziu Paisiello, Piccini, Jomelli, Sacchini, Cimarosa, genios immortaes, que com o maior successo cultivaram todos os generos de musica.

A opera buffa, creação essencialmente italiana, teve tambem a sua origem no seculo passado, fazendo a sua apparição em Veneza; n'este genero se immortalisaram Pergolese, Capana, Ciampi e outros.

É notavel que a epocha que viu nascer a opera buffa seja aquella em que a composição sacra e dramatica, denominada oratorio, maior desenvolvimento teve, elevando-se á altura de grandiosas obras primas, pelos genios de Leo, Scarlatti, Stradella, etc., e sobre tudo de Haendel; foi este insigne compositor que creou a musica dramatica em Allemanha, dando-lhe um cunho de originalidade, que torna a musica allemã de um caracter completamente distincto do da musica italiana.

Foi em Allemanha que se creou a musica instrumental na segunda metade do seculo XVIII; e póde-se dizer que foi o celebre Haydn o seu inventor; foi então que os tercetos, quartetos e quintetos se elevaram á altura de obras primas pelos genios de Haydn, Mosart e, mais tarde, Beethoven; desde então os primores da harmonia pertencem á Allemanha. O celebre Sebastião Bach elevou ao seu apogêo o typo da

eschola allemã, da qual é considerado como o seu immortal chefe: foi o maior organista e pianista da sua epocha. Em todo o seculo XVIII a Allemanha produziu pianistas e organistas muito superiores aos de Italia; pelo contrario, n'este paiz sobresaíram os rebequistas. Dos numerosos *virtuosi* de rebeca que abundavam nas diversas cidades de Italia, foi o mais insigne José Tartini e, mais tarde, Paganini.

No seculo passado o gosto pela musica italiana era tal por toda a parte, que até em quasi todas as principaes cidades de Allemanha os reis e principes tinham theatros em que se representavam operas italianas. Era tão dominante o gosto pela musica italiana, que os mais illustres compositores allemães se viram obrigados a escrever em italiano. Fux, Glück e outros sacrificaram á paixão musical da epocha. O proprio Mosart não foi no principio da sua carreira, que começou em 1770, mais que um imitador do estilo italiano. Foi depois de ter viajado em Italia, e de ter vivificado a sua imaginação n'aquelle clima eminentemente artistico, que por sua vez operou na arte musical uma grande revolução no genero serio, tornando-se um dos mais celebres compositores do seculo XVIII. É o que mais tarde tambem succedeu ao grande maestro allemão, nosso contemporaneo, Mayerbeer. É uma coisa reconhecida a benefica influencia que sobre as bellas artes exerce o doce clima da Italia.

Durante o seculo XVIII diversos compositores, e alguns bastante eminentes, cultivaram a musica em Portugal; os principaes foram:

Pedro Vaz Rego, que nasceu em 1670, foi mestre de capella em Evora. Compoz diversas peças de musica sagrada.

Henrique Carlos Corrêa, que nasceu em 1680, e foi discipulo de Domingos Nunes Pereira, mestre de capella da sé. Este erudito compositor foi mestre de capella da sé de Coimbra; competiu com o celebre Antonio Marques Lesbio, contra-pontista afamado e compositor de musica religiosa. Deixou Carlos Corrêa diversas missas, matinas, motetes, etc.

João Vaz Barradas, que nasceu em Portalegre, em 1689, foi discipulo do collegio dos Reis em Villa Viçosa, mestre de capella em S. Nicolau em Lisboa, e depois em Santa Maria. Deixou este auctor diversas obras musicaes, entre as quaes figura uma arte de tocar orgão e outra de canto-chão.

Na musica profana e lyrica teve Portugal no seculo passado alguns compositores; taes foram João de Sousa Carvalho, que escreveu algumas operas para o theatro real da Ajuda, e que foi mestre de capella do seminario de Lisboa; Antonio Leal Moreira, que escreveu diversas operas para os theatros reaes da Ajuda, Queluz e, mais tarde, para o theatro de S. Carlos; Jeronymo Francisco de Lima, Luciano Xavier dos Santos e outros, sendo o mais notavel pela sua fecundidade e facilidade, tanto no genero religioso como no genero de opera séria e buffa, o celebre Marcos Antonio Portugal.

É, sem dúvida, Marcos Portugal o primeiro dos compositores lyricos portuguezes. Nasceu este abalisado maestro em Lisboa, em 1763. Tendo primeiramente aprendido os rudimentos da arte musical em um convento de Lisboa, foi depois discipulo de Borselli, cantor italiano, que então se achava n'esta cidade, e a quem depois acompanhou a Madrid, e em seguida a Italia.

Foi na artistica peninsula italica que o joven maestro começou a sentir as primeiras inspirações musicaes, que lhe provocaram desejos de escrever para o theatro. A sua primeira opera, *L'Eroe cinése*, representou-se em Turim, em 1788, fazendo um completo *fiasco;* mas não era o primeiro maestro cuja brilhante carreira começava por um completo *fiasco;* e, com effeito, no mesmo anno se representou em Genova *La Bacheta portentosa*, opera buffa, que fez um verdadeiro furor.

Em seguida escreveu Marcos Portugal mais algumas operas para diversos theatros de Italia; taes foram *L'Astuta*, representada em Florença, com o maior exito, em 1789; *Il Molinaro*, em Veneza, em 1790.

Pouco tempo depois, voltou Marcos Portugal a Lisboa, onde foi nomeado mestre de capella; mas não se demorou muito tempo na sua patria; assim o vemos logo no anno de 1791 fazer representar, em Parma, *La donna di genio volubile;* em Roma, *La Vedova reggiratrice;* e em Veneza, *Il principe di Spazzacamino*, que despertou um extraordinario enthusiasmo. Vindo frequentes vezes a Portugal, o illustre compositor portuguez, logo que podia, voltava a Italia, que foi sempre a terra da sua paixão; e tinha razão, porque foi este paiz que lhe fez a sua grande reputação, muito antes da sua patria lh'a confirmar.

Marcos Portugal acompanhou D. João VI ao Brasil, em 1807; á volta foi de novo a Italia, regressando, a final, a Lisboa, onde escreveu diversas operas, algumas das quaes se representaram no theatro de S. Carlos. Falleceu em 1829.

As melhores operas de Marcos Portugal no genero serio são: *Demofoonte*, escripta para o theatro Rè de Milão em 1795; *Fernando in Messico*, escripta em 1797 para Roma, para a celebre Billington; *Adriano in Syria*, escripta para Milão em 1815; *Semiramide*, escripta em Lisboa para a celebre Catalani: das operas buffas, a mais notavel e que mais agradou em Italia foi *Il principe di Spazzacamino*, escripta para Veneza. Além de outras operas, escreveu Portugal diversas missas, psalmos, matinas, cantatas, etc.

No nosso seculo alguns distinctos compositores de musica teve Portugal; taes foram: fr. José Marques de Santa Rita e Silva, fallecido em 1837, discipulo de João José Baldy; foi mestre de capella da Bemposta, grande pianista e organista. Escreveu diversas missas, psalmos, matinas, sonatas, etc. Foi mestre de Manuel Innocencio, Miró, Casimiro, Migone e outros illustres compositores dos nossos dias.

João Domingos Bomtempo, fallecido em 1842, grande pianista e compositor. As suas obras mais notaveis são as missas de *Requiem* das exequias de D. Maria I, á memoria de Camões, e funeral de D. Pedro IV.

Desde o seculo XVIII até aos nossos dias tem a opera lyrica passado por diversas transformações, segundo os genios que a tem cultivado. A opera buffa tem tido por principaes auctores os irmãos Ricci, Fioravante, Rossi, Cagnoni, e sobre tudo Rossini, que a elevou ao seu apogêo na immortal obra prima que se chama *Barbeiro de Sevilha*, nunca excedida e nunca egualada.

Na opera dramatica, Spontini, Cherubini, Rossini, Donizetti, Bellini e Verdi, em Italia; Mayerbeer, em Allemanha; Gounod e Auber, em França; e outros genios illustres, cada um segundo o seu genero, cada um segundo o seu estilo, tem produzido os mais bellos e primorosos dramas lyricos, que todos conhecemos e admirâmos, e se chamam *Vestal*, *Faniska*, *Semiramis*, *Otello*, *Guilherme Tell*, *Lucia*, *Favorita*, *Norma*, *Somnambula*, *Trovador*, *Rigoleto*, *Propheta*, *Hugonotes*, *Fausto*, *La Muette*, e tantas outras que giram por todo o orbe terrestre, fazendo as delicias dos *dilettanti* de todos os paizes cultos do velho e novo mundo. Deve-se, porém, dizer que, se nas operas da eschola allemã se nota geralmente maiores riquezas de harmonia, a eschola italiana é muito mais fecunda em melodia, sobresaíndo n'este genero Bellini, o qual com as simples e inspiradas melodias, auxiliando-se mui pouco com os grandes recursos da harmonia, póde produzir as eternas partituras da *Norma*, *Somnambula* e *Puritanos*.

(Continúa) FRANCISCO DA FONSECA BENEVIDES.